

Limites e potencialidades de conceitos de desinformação e congêneres acionados em artigos brasileiros sobre covid-19

CONRADO MOREIRA MENDES

*Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil*

MARIA ÂNGELA MATTOS

*Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil*

ID 3056

Recebido em

26.04.2024

Aceito em

28.02.2025

Este artigo analisa os resultados da segunda parte da metapesquisa dos conceitos de desinformação e correlatos em artigos indexados pelo Portal de Periódicos da CAPES entre 2020 e 2022. Foram examinados o potencial heurístico e eventuais fragilidades dos conceitos de desinformação e congêneres em dez textos de referência acionados pelo *corpus*, composto por 26 artigos, bem como seus níveis de apropriação e problematização. Como resultado, identificou-se a necessidade de abordagens que privilegiem o aspecto interacional e de circulação para compreender a *desinformação*. Acerca dessas apropriações, observou-se um baixo nível de problematização e uma escassa utilização de artigos científicos como referência.

Palavras-chave: Desinformação. Metapesquisa. Abordagem qualitativa.

Limits and Potentialities of Disinformation and Related Concepts Used in Brazilian Articles on Covid-19

This article analyzes the results of the second part of a metaresearch on the concepts of disinformation and related terms in articles indexed in the CAPES Journal Portal between 2020 and 2022. The heuristic potential and possible weaknesses of the concepts of disinformation and similar terms were examined in ten reference texts activated by the *corpus*, consisting of 26 articles, as well as their levels of appropriation and problematization. As a result, the need for approaches that prioritize the interactional and circulation aspects to understand disinformation was identified. Regarding these appropriations, a low level of problematization and a scarce use of scientific articles as references were observed.

Keywords: Disinformation. Meta-research. Qualitative approach.

Límites y potencialidades de conceptos de desinformación y afines utilizados en artículos brasileños sobre covid-19

Este artículo analiza los resultados de la segunda parte de una metainvestigación sobre los conceptos de desinformación y términos relacionados en artículos indexados en el Portal de Revistas de CAPES entre 2020 y 2022. Se examinaron el potencial heurístico y posibles debilidades de los conceptos de desinformación y términos afines en diez textos de referencia activados por el *corpus*, compuesto por 26 artículos, así como sus niveles de apropiación y problematización. Como resultado, se identificó la necesidad de enfoques que prioricen el aspecto interactivo y de circulación para comprender la desinformación. En cuanto a estas apropiaciones, se observó un bajo nivel de problematización y un uso escaso de artículos científicos como referencia.

Palabras clave: Desinformación. Metainvestigación. Enfoque cualitativo.

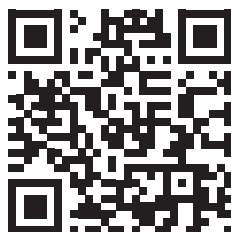
Conrado Moreira **MENDES**

Coordenador e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PPGCOM-PUC Minas). Realizou pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade de Minas Gerais (PPGCOM-UFMG). Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP), tendo realizado estágio doutoral de um ano na Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis, na França. Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG e Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela mesma instituição. É líder do Grupo de Pesquisa Mídia, Interação & Sentido (MIS/PPGCOM-PUC Minas), certificado pelo CNPq, o qual integra a Rede de Pesquisa em Semiótica, Interações e Materialidades Midiáticas.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: conradomendes@yahoo.com.br

ORCID



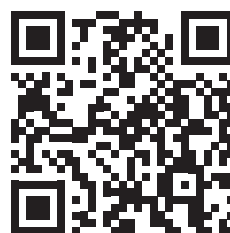
Maria Ângela **MATTOS**

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestra em Comunicação Social pelo Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo. Realizou estágio pós-doutoral em Comunicação na Universidad Jesuita de Guadalajara, México. É pesquisadora da Rede de Pesquisa em Semiótica, Interações e Materialidades Midiáticas. Foi docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas entre 2006 e 2022. Professora aposentada do PPGCOM da PUC Minas e vice-líder do grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: mattos.maria.angela@gmail.com

ORCID



Introdução

Este artigo é o desdobramento de uma metapesquisa (Mendes; Mattos; Santos, 2023) que identificou e quantificou a ocorrência do conceito de desinformação e seus correlatos – *fake news*, *desordem informacional*, *infodemia*, *desinfodemia* e *pós-verdade* – acionados pelos artigos indexados no Portal de Periódicos da CAPES de 2020 a 2022, durante a pandemia de covid-19, para averiguar a difusão desses conceitos na produção acadêmica brasileira, sobretudo nas áreas de Ciências Sociais e Humanas, incluindo a Comunicação. Para tanto,

A base de dados utilizada para a pesquisa foi o Portal de Periódicos da CAPES, sendo “desinformação” a palavra-chave utilizada e a busca limitada a periódicos revisados por pares, que englobasse filtros ativos acerca dos seguintes termos: *desinformação*, *fake news*, *communication*, *disinformation*, *false information*, *infodemia*, *pós-verdade*, *misinformation*, *internet*, *desinfodemia* e *comunicação*. Além dos requisitos já citados, foram considerados textos em línguas portuguesa, espanhola e inglesa, publicados no referido portal entre os anos de 2020 e 2022 (Mendes; Mattos; Santos, 2023, p. 241, grifos nossos).

A primeira etapa da investigação de caráter quantitativo, publicada em um periódico da área da Comunicação (Mendes; Mattos; Santos, 2023), mapeou as definições de *desinformação* e seus congêneres, bem como verificou os/as autores/as e conceitos mais incidentes no *corpus* de 26 artigos. A segunda, de natureza qualitativa, apresentada neste artigo, realizou uma leitura aprofundada dos conceitos mais acionados de desinformação e correlatos e dos sentidos atribuídos a eles, seja por parte dos/as autores/as e das obras de referência empregadas no *corpus*, seja por parte dos/as autores/as dos artigos que compuseram o *corpus*. A metapesquisa orientou-se pelas seguintes questões: como se definem os conceitos de desinformação? Como a desinformação associa-se a conceitos correlatos? Qual o potencial heurístico e as eventuais fragilidades de tais conceitos para a compreensão do ecossistema da desinformação na sociedade contemporânea?

Após a síntese da estrutura e dos assuntos abordados nos textos tanto de referência quanto do *corpus*, a análise qualitativa objetivou discutir a contribuição de cada texto de referência para a compreensão do fenômeno da desinformação, bem como suas fragilidades e lacunas. Além disso, buscou discutir os níveis de apropriação que os autores do *corpus* fazem dos conceitos presentes nos textos referência, baseados em três categorias – superficial, parcial e integral – a serem caracterizadas no item “Análise das apropriações dos conceitos de desinformação pelos autores do *corpus*”, assim como o potencial ou não de problematização e criticidade em relação aos conceitos apropriados e suas possíveis adequações ao contexto brasileiro. Além desta Introdução e das Considerações Finais, o artigo estrutura-se em duas seções: a primeira compreende a descrição dos dez textos de referência mais recorrentes no *corpus*, a partir dos quais analisamos como os conceitos de desinformação e correlatos foram desenvolvidos. A segunda consiste na análise, apropriação e criticidade dos conceitos de desinformação e seus correlatos feitas pelos autores do *corpus*.

Considerando que a proposta central deste artigo é discutir os limites e potencialidades dos conceitos de desinformação e congêneres utilizados tanto nos textos de referência do *corpus* de 26 artigos quanto nos textos do próprio *corpus*, algumas elucidações se fazem necessárias: as reflexões críticas desenvolvidas ao longo do texto não desconsideram o fato de que esses conceitos, embora não sejam novos nos estudos das Ciências Sociais, Humanas e Comunicacionais, estão em processo embrionário de revisão e ampliação, sendo empregados em contextos relativamente novos – como a pandemia de covid-19 e a crescente proliferação da desinformação nas redes sociais on-line no cenário pandêmico. Além disso, sabemos que a maioria dos textos analisados passaram por um processo qualificado de avaliação técnica e conceitual por parte de pareceristas acadêmicos, editoras ou por consultores de organismos internacionais e nacionais. Por essa

razão, não temos a pretensão de desmerecer a importância da produção técnica e científica que serviu como objeto de análise e discussão a este artigo, nem de generalizar os resultados desta metapesquisa, já que ela fez um recorte restrito aos artigos indexados ao Portal de Periódicos da CAPES entre 2020 e 2022.

Pretendemos, assim, contribuir para futuros avanços em pesquisas teóricas e aplicadas acerca da desinformação e de seus impactos nocivos nas diversas instâncias da vida social. Com uma única exceção, omitimos os títulos e os nomes dos autores dos artigos do *corpus* analisado, visto que a revisão crítica incide sobre os limites heurísticos dos conceitos sobre a desinformação, e não sobre os autores em si, como também sobre os desafios para a construção de uma nova arquitetura teórico-metodológica num contexto de profundas e rápidas mutações socioculturais e comunicacionais. Cabe, por fim, ressaltar que a proposta central de uma metapesquisa é promover uma autorreflexão crítica sobre os princípios, fundamentos e procedimentos, de caráter teórico-conceitual e metodológico, que norteiam a constituição e o desenvolvimento de uma área de saber – no caso, a Comunicação e campos sociais de interface (Mattos, 2018).

Descrição e análise dos textos de referência do *corpus*

A Tabela 1, a seguir, sintetiza os seguintes aspectos identificados nos textos de referência do *corpus*: gênero textual, título do texto, autoria, perfil acadêmico da autoria, nacionalidade da autoria, conceito/s abordado/s e extensão do documento.

Gênero do texto	Título	Autoria	Perfil acadêmico da autoria	Nacionalidade da autoria	Conceito(s) abordado(s)	Extensão do documento
Artigo científico	Desinformação e circulação de <i>fake news</i> : distinções, diagnóstico e reação	Ana Brisola	Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).	Brasileira	Desinformação e fake news	15 p.
		Arthur Coelho Bezerra	Pesquisador adjunto do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).	Brasileiro		
Artigo científico	Poder informacional e desinformação	Wladimir de Paula Brito	Mestre em Ciência da Informação pela UFMG	Brasileiro	Desinformação	21 p.
		Marta Macedo Kerr Pinheiro	Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação (UFMG).	Brasileira		

Gênero do texto	Título	Autoria	Perfil acadêmico da autoria	Nacionalidade da autoria	Conceito(s) abordado(s)	Extensão do documento
Artigo científico	What is Disinformation?	Don Fallis	Pesquisador e professor de Filosofia e Ciências da Computação na Northeastern University (Estados Unidos).	Estadunidense	Desinformação	26 p.
Artigo científico	Social Media and Fake News in the 2016 Election	Hunt Allcott	Professor de Economia na Universidade de Nova Iorque, Estados Unidos.	Estadunidense	Fake news e desordem informacional	25 p.
		Matthew Gentzkow	Professor de Economia na Universidade de Stanford, Estados Unidos.	Estadunidense		
Manual	Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo	Cherilyn Ireton	Jornalista, líder do Fórum Mundial de Editores.	Sul-africana residente na França	Fake news e desordem informacional	129 p.
		Julie Posetti	Jornalista e pesquisadora, Diretora Global de Pesquisa do Centro Internacional para Jornalistas, Universidade de Oxford, Reino Unido.	Australiana residente no Reino Unido		
Manual	Combater a desinformação em linha: uma estratégia europeia	Comissão Europeia	Instituição politicamente independente que representa e defende os interesses da União Europeia.	Europeia	Desinformação	19 p.
Manual	Desinfodemia: decifrando la desinformación sobre el covid-19	Julie Posetti	Jornalista e pesquisadora, Diretora Global de Pesquisa do Centro Internacional para Jornalistas, Universidade de Oxford, Reino Unido.	Australiana residente no Reino Unido		

Gênero do texto	Título	Autoria	Perfil acadêmico da autoria	Nacionalidade da autoria	Conceito(s) abordado(s)	Extensão do documento
		Kalina Bontcheva	Pesquisadora e professora de análise de textos no departamento de Ciências da Computação da Universidade de Sheffield, Reino Unido.	Búlgara residente no Reino Unido	Desinfodemia, desinformação e infodemia	16 p.
Manual	Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19	Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)	A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) é a agência internacional especializada em saúde pública das Américas.	Sede: Washington, EUA.	Desinformação e infodemia	5 p.
Relatório	Information Disorder: toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making	Claire Wardle	Cofundadora e codiretora do Information Futures Lab e professora da Escola de Saúde Pública da Brown University, Estados Unidos.	Estadunidense	Desordem informacional, malinformation, disinformation, malinformation	125 p.
		Hossein Derakhshan	Blogueiro, jornalista e pesquisador iraniano-canadense.	Iraniano radicado (naturalizado) no Canadá		
Verbetes de dicionário	Post-truth	Oxford Languages	Editora da Universidade de Oxford, Reino Unido.	Britânica	Pós-verdade	On-line

Tabela 1: Textos de referência

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como se vê nesta tabela, quatro textos são classificados como artigos científicos, quatro como manuais destinados à capacitação de agentes sociais (profissionais, acadêmicos, cidadãos, entre outros segmentos) para o combate a desinformação, um como relatório de organismo internacional e um como verbete de dicionário. Os textos de cada uma dessas classificações serão objetos de análise a seguir.

Artigos científicos

O artigo “Desinformação e circulação de *fake news*: distinções, diagnóstico e reação” (2018), de Ana Brisola e Arthur Coelho Bezerra, diferencia os termos desinformação e *fake news* ao contextualizar e conceituar cada um. Destaca os contextos sociopolítico e comunicacional marcados por três eventos inter-

nacionais que propiciaram a proliferação de notícias falsas on-line, com profundos impactos na ecologia comunicacional em diversos países: a eleição do primeiro mandato de Donald Trump em 2016, nos Estados Unidos, a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) e o escândalo que envolveu o Facebook e a Cambridge Analytica. Dos 26 artigos do *corpus*, 3 deles se baseiam nos conceitos de desinformação abordados por esses autores.

Ao abordar o conceito de desinformação e sua distinção em relação a fake news, Brisola e Bezerra (2018) chamam atenção para o contexto em que emerge o primeiro conceito, ligado a projetos militares de contrainformação e espionagem, indo além da sua materialidade midiática ao focalizar os aparelhos estatais e privados dos países ocidentais durante a Guerra Fria. Para eles, a desinformação envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade: “A desinformação não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou parte da verdade” (Brisola; Bezerra, 2018, p. 3319). As fake news, por sua vez, são consideradas sinais distorcidos e desconectados da verdade e revelam uma intenção deliberada de enganar os leitores.

Considerando o contexto em que o referido texto foi apresentado, dois anos após a emergência dos três eventos internacionais mencionados, o trabalho não se propõe a aprofundar nem problematizar os conceitos acionados. Essa postura é justificável em razão da novidade não do fenômeno da desinformação, mas de sua intensa e descontrolada proliferação nas redes sociais on-line – sustentada, de um lado, pela formação de bolhas e câmaras de eco; e, de outro, pela polarização político-ideológica crescente naqueles eventos, como reconhecem os autores.

O artigo “Poder informacional e desinformação” (2015), de Wladimir Brito e Marta Kerr Pinheiro, é citado por dois textos do *corpus* quanto ao conceito de desinformação. Embora apresentado um ano antes do uso intensivo de desinformação nas campanhas políticas nos Estados Unidos e no Reino Unido (Brexit) em 2016, o texto fornece contribuições ao ampliar e complexificar o conceito de desinformação, como se verá adiante. O texto objetiva identificar as principais características do processo de conformação do Poder Informacional, fundamentando-se nos instrumentos empregados pelos Estados Unidos para manter e ampliar sua hegemonia, como no caso das Operações de Informação. Estrutura-se nas seguintes etapas: a) conceituação de desinformação, *decepção*, *operações psicológicas* e suas subdisciplinas, caracterizando também seus princípios mais importantes, métodos, técnicas e ações; b) descrição e análise do processo de criação do Poder Informacional, avaliando sua conceituação, bem como suas escolhas políticas e tecnológicas; e c) conceituação das Operações de Informação e seu conjunto e capacidade.

No que tange ao conceito de desinformação, os autores apontam alguns significados: “ausência de informação”, “informação manipulada” e “engano proposital”. O segundo conceito relacionado à noção de desinformação é o de *decepção*, que não é considerado no texto como sinônimo de desinformação pelo fato de ter um escopo mais abrangente e empregar outras técnicas informacionais. Trata-se do ato de enganar o adversário mediante uma ação planejada e a adoção de um conjunto de métodos. O termo compreende, sobretudo, o ato de negação em que se tenta bloquear o acesso a fontes e canais alternativos de dados que permitiriam ao usuário questioná-los. Operações Psicológicas é o terceiro conceito estruturante do texto, apresentando algumas similaridades com as *Operações de Decepção*, a despeito de os autores fazerem distinções importantes entre esses dois conceitos.

Na parte final do texto, nota-se uma defasagem histórica em relação aos estudos teóricos de comunicação, particularmente se considerarmos que em 2015, quando o trabalho foi apresentado, houve um aumento da produção de literatura acadêmica e científica acerca da sociedade em rede e midiaticizada – e, por consequência, a emergência de outra arquitetura conceitual para ampliar a compreensão e a interpretação da mutação no cenário comunicacional e informacional contemporâneos, marcado por novas relações de força e poder não restritas aos Estados Unidos.

No artigo “What is Disinformation?” (2015), Don Fallis apresenta uma lista de critérios para definir desinformação. Para tanto, revisa outros conceitos pré-existentes que julga serem muito amplos, muito restritos ou ambos. A princípio, o autor apresenta três características da desinformação: a desinformação é informação; a desinformação é informação enganosa; a desinformação não é enganosa acidentalmente. Por fim, define desinformação como uma “informação falsa da realidade” que tem a função de enganar. No *corpus*, dois textos baseiam-se nos conceitos de desinformação abordados por esse autor.

Nessa direção, ao dizer que desinformação é informação (primeiro critério), o autor ressalta que a informação é algo que tem conteúdo semântico ou representacional. Sendo assim, os conteúdos representacionais podem ser tanto falsos quanto verdadeiros. Ao considerar que a desinformação é informação enganosa (segundo critério), Fallis (2015) atribui a ela uma relação com o conceito de *crença*, ressaltando que a desinformação tem a probabilidade de criar crenças falsas – algo parecido com a ideia de pós-verdade. Entretanto, enfatiza que, mesmo tendo a pretensão de enganar (ressalta-se aqui a ideia de que a desinformação surge com um propósito), o produtor da desinformação pode não ter sucesso. Ao contrário de outros pesquisadores, o autor entende que a desinformação pode esbarrar na capacidade de o receptor identificá-la como tal. No terceiro critério, ele exclui do conceito a possibilidade de a desinformação surgir de um erro. Ao dizer que ela não é enganosa acidentalmente, Fallis (2015) distingue a desinformação da ideia de informação enganosa (*mis-information*) e de outros fenômenos, como as sátiras.

Na sequência, ele realiza um longo percurso de análise de trabalho de diversos autores que trataram do conceito de desinformação: Floridi (1996), Floridi (2005), Fetzer (2004), Floridi (2011) e ele mesmo, Fallis (2009). Em todos eles, encontra definições que, em sua visão, são muito amplas, muito restritas, ou as duas coisas. Tal percurso leva o autor a definir desinformação como “informação enganosa que tem a função de enganar alguém”⁰¹ (Fallis, 2015, p. 422, tradução nossa). Assim, a desinformação deixa de ter a intenção de enganar e passa a ter a função de enganar, isto é, de efetivamente cumprir esse papel. Portanto, uma informação enganosa pode cumprir essa função ainda que tenha surgido sem esse objetivo. Sintetizando, o principal argumento de Fallis (2015) diz respeito à *função* de enganar da desinformação, evidenciando uma noção de cariz funcionalista.

“Social Media and Fake News in the 2016 Election” (2017), artigo de autoria dos estadunidenses Hunt Allcott e Matthew Gentzkow, aborda o impacto das *fake news* nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016. Para contextualizar essa abordagem, os autores definem *fake news* como “artigos de notícias que são intencional e certificadamente falsos e podem induzir os leitores ao erro”⁰² (Allcott; Gentzkow, 2017, p. 213, tradução nossa), excluindo dessa noção os seguintes “parentes próximos”: a) erros de reportagem não intencionais; b) rumores que não têm origem em um artigo específico; c) teorias da conspiração; d) sátiras que dificilmente seriam interpretadas como fatos; e) declarações falsas feitas por políticos; f) relatos enviesados ou enganosos, mas não totalmente falsos. Segundo os autores, parece haver um aumento na importância das *fake news* porque as barreiras de entrada na indústria da mídia diminuíram, tendo em vista que a criação de *sites* e a monetização do conteúdo da web por meio de plataformas de publicidade foram facilitadas. Ademais, as redes sociais são adequadas para a disseminação de notícias falsas, e o uso dessas redes aumentou consideravelmente. Por fim, destacam a contínua queda na “confiança e credibilidade” da mídia de massa “quando se trata de relatar as notícias de forma completa, precisa e justa”⁰³ (Allcott; Gentzkow, 2017, p. 215, tradução nossa).

01 No original: “disinformation is misleading in-formation that has the function of misleading someone”.

02 No original: “news articles that are intentionally and verifiably false, and could mislead readers”.

03 No original: “when it comes to reporting the news fully, accurately, and fairly”.

Para Allcott e Gentzkow (2017, p. 213, tradução e grifos nossos), a expressão *fake news* designa “artigos de notícias que são intencional e verificadamente falsos e podem induzir os leitores ao erro”⁴. Assim, os autores dão um sentido muito preciso para *fake news*, que poderíamos parafrasear como sendo uma materialidade aparentemente jornalística, mas que, de fato, não é, por veicular conteúdos enganosos. O fato de referirem-se a uma materialidade supostamente jornalística permite inferir que o conceito de *fake news* é mais restrito que o de desinformação, conceito que acabou suplantando o primeiro. Cabe, ainda, uma nota sobre a área de especialidade dos dois autores: ambos atuam como professores de Economia. Portanto, não espera-se deles autores uma reflexão aprofundada e atualizada sobre o conceito de *desinformação* com ênfase no de *fake news*, visto que a Comunicação ou campos afins não é são as áreas em que atuam. Ainda assim, ressalta-se que essa não foi uma preocupação dos autores e autoras dos 26 artigos que acionaram o conceito sem maiores problematizações, tal como se poderá ver na segunda seção deste artigo.

Análise dos manuais, relatórios e documentos de organismos nacionais e internacionais

Encomendado pela Comissão Europeia, o documento *Combater a desinformação em linha: uma estratégia europeia* foi elaborado para aconselhar sobre o enfrentamento à proliferação da desinformação nas plataformas digitais, tendo sido publicado em abril de 2018. Dois artigos do *corpus* fazem menção a esse documento, que não se propõe a conceituar a desinformação e termos vizinhos, mas define a desinformação como aquela “informação comprovadamente falsa ou enganadora que é criada, apresentada e divulgada para obter vantagens econômicas ou para enganar deliberadamente o público, e que é susceptível de causar prejuízo público” (Comissão Europeia, 2018, p. 4). Assim, mesmo sem definir desinformação e congêneres, o documento foi utilizado pelos autores dos artigos do *corpus* como fonte de pesquisa, o que impede um enquadramento científico desse objeto de estudo, tal como poderá ser visto na penúltima seção deste artigo.

O *manual Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo* (2019), organizado por Cherilyn Ireton e Julie Posetti, recebeu menção em três artigos do *corpus* e fornece a educadores, instrutores e estudantes de Jornalismo uma estrutura e lições para abordar temas associados a *fake news*. No prefácio de Guy Berger, diretor de Liberdade de Expressão e Desenvolvimento de Mídia da UNESCO, a publicação rejeita o termo *fake news* por considerar que notícias não podem ser chamadas de falsas, pois obedecem a critérios de interesse público e verificabilidade. Propõe, dessa forma, que se adote o termo desinformação, definido como “tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas” (Berger, 2019, p. 7).

Em “Reflexão sobre a desordem da informação: formatos da informação incorreta, desinformação e má-informação” (2019), de Claire Wardle e Hossein Derakhshan, segundo módulo desse *manual*, os autores conceituam *desordem informacional*, que é composta por três elementos: a) Informação incorreta (*misinformation*): “informação falsa que a pessoa que está divulgando acredita ser verdadeira”; b) Desinformação (*disinformation*): “informação falsa e a pessoa que a divulga sabe que é falsa. É uma mentira intencional e deliberada, e resulta em usuários sendo ativamente desinformados por pessoas maliciosas”; e c) Má-informação (*mal-information*): “informação que é baseada na realidade, mas usada para causar danos a uma pessoa, organização ou país” (Wardle; Derakhshan, 2019, p. 47-48). Três artigos do *corpus* mencionam tal módulo.

04 No original: “news articles that are intentionally and verifiably false, and could mislead readers”.

Ao fazerem convergir, em um diagrama de Venn, os termos “falso” (primeiro círculo) e “intenção de dano” (segundo círculo), Wardle e Derakhshan (2019) deduzem os conceitos *informação incorreta* (primeiro círculo), *desinformação* (interseção entre ambos os círculos) e *má-informação* (segundo círculo), os quais compõem o que chamam de *desordem informacional*. Do ponto de vista pedagógico, é eficaz, pois visualmente separa um conceito de outro. Entretanto, do ponto de vista da verificação de uma eventual intenção de dano, o construto parece não resistir. Se levarmos em consideração as lógicas de propagação e circulação da desinformação e conceitos irmãos, em que ocorre uma apropriação constante e novas ressignificações, a intenção de dano dificilmente pode ser verificada.

Os autores ressaltam que as narrativas dentro do jornalismo legítimo podem variar, o que não significa que este perca a sua distintividade quando comparado com outras narrativas como formas de comunicação, podendo enquadrar-se em um ou mais dos conceitos *informação incorreta*, *desinformação* e *má-informação*, a saber: sátira ou paródia; conexão falsa; conteúdo enganoso; contexto falso; conteúdo impostor; conteúdo manipulado; conteúdo fabricado⁵. Outro ponto do texto refere-se aos elementos e às fases da desordem informacional – criação, produção e distribuição –, que precisam ser analisados separadamente com perguntas específicas a cada um deles – o agente, as mensagens e os intérpretes. Quanto ao agente, os autores consideram fundamental distinguir seus diferentes tipos e motivações: o agente que cria uma mensagem fabricada, o agente que produz a mensagem e o agente que distribui a mensagem.

Parte-se de uma lógica ou de um paradigma, no dizer de Vera Veiga França (2001), que separa e encerra os elementos do processo comunicacional e pensa a comunicação com base numa lógica transmissiva. Tratar a desinformação a partir dessa perspectiva hegemônica, oposicional ou negociada – mesmo que se considere as leituras propostas por Stuart Hall (2003) – significa regressar a um paradigma (o informacional) que não consegue explicar suficientemente o processo comunicacional pelo caráter simplificador e mecanicista do modelo.

Tendo sido mencionado por dois artigos do *corpus*, *Desinfodemia: decifrar a desinformação sobre a covid-19*, de Julie Posetti e Kalina Bontcheva, foi publicado pela UNESCO em 2020. Trata-se do Resumo de Políticas 1, o primeiro de dois volumes, que versa sobre “a nova desinformação sobre a covid-19”, que a considera mais tóxica e mais letal que a desinformação sobre outros assuntos. “É por isso que este resumo de políticas criou o termo *desinfodemia*”, explicam Posetti e Bontcheva (2020, p. 2). A *desinfodemia* é definida como a desinformação a respeito da covid-19 que ameaça não apenas os indivíduos, mas as sociedades como um todo. Segundo as autoras, a *desinfodemia* sobre a covid-19 utiliza uma ampla gama de formatos que contrabandeiam inverdades na consciência das pessoas e se concentram em suas crenças em detrimento da razão, dentre os quais destacam-se quatro formatos: construções de narrativas e memes emotivos; sites e identidades oficiais fabricados; imagens e vídeos fraudulentos, adulterados, fabricados ou descontextualizados; e infiltração da desinformação e campanhas orquestradas.

O documento, do ponto de vista conceitual ou pedagógico em termos de proposições de ações concretas para o combate à *desinfodemia*, enfatiza sobretudo o polo da produção – formatos, temas e respostas à desinformação sobre a covid-19 – e suas formas de distribuição. Nesse sentido, não fornece elementos acerca do processo comunicacional e informacional como um todo que contemplem as diversas dinâmicas e atores envolvidos na criação, produção, circulação, recepção e interação com as campanhas e mensagens sobre a desinformação. Ademais, o receptor é identificado no documento como “público-alvo”, terminologia típica das abordagens funcionalistas da comunicação que encaram o receptor como um alvo a ser atingido e manipulado pelos emissores das mensagens midiáticas.

05 Em razão dos limites deste artigo, remetemos o/a leitor/a ao texto referido para um maior detalhamento desses conceitos.

O manual *Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19* foi publicado pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) em 2020, alertando sobre os perigos que a desinformação poderia causar durante a pandemia. O texto define desinformação como “informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar” (OPAS, 2020, p. 2), e infodemia como “um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico” (OPAS, 2020, p. 2). Cinco artigos do *corpus* fazem menção à definição de infodemia utilizada pelo *manual*.

Publicado no contexto da pandemia de covid-19, o documento, que se assume como um “kit de ferramentas de transformação digital”, não se propõe a fazer uma análise profunda do conceito de *desinformação*. Ele exclui qualquer outra motivação da desinformação que não seja a tentativa de enganar, ainda que seja possível que ela aconteça por erros não intencionais, como definem Wardle e Derakhshan (2018), ao falarem sobre *misinformation*. É possível classificar, então, a definição do termo como pouco problematizada. Os autores dos artigos que compuseram o *corpus* utilizaram, em sua maioria, o conceito de infodemia proposto pelo *manual*: “[...] a palavra infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual” (OPAS, 2020, p. 2).

No relatório *Information Disorder: toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making*⁶ (2018), do Conselho da Europa, Claire Wardle e Hossein Derakhshan apresentam os conceitos de *desordem informacional*, *desinformação* (*disinformation*), *má-informação* (*mal-information*) e *informação incorreta* (*misinformation*), que é basicamente a mesma definição apresentada anteriormente em “Reflexão sobre a desordem da informação: formatos da informação incorreta, desinformação e má-informação”. A princípio, os autores apresentam mudanças que ocorreram na forma como a informação é produzida, comunicada e distribuída. Na sequência, afirmam que o termo *fake news* é inadequado para descrever os fenômenos complexos da informação falsa e da desinformação. Por fim, apresentam a estrutura conceitual e as particularidades de cada um dos três elementos que compõem a desordem informacional. Dois artigos do *corpus* mencionam o documento.

O último texto de referência diz respeito ao verbete *post-truth* (*pós-verdade*) do dicionário *Oxford Languages* (publicado pela Oxford University Press, do Reino Unido), escolhido em novembro de 2016 como a “Palavra do ano”. Ao divulgar a escolha, o dicionário definiu o termo como aquilo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”⁷. Para o dicionário *Oxford*, a partir de eventos como o *Brexit*, no Reino Unido, e a eleição do Trump, nos Estados Unidos, a pós-verdade “deixou de ser um termo periférico para se tornar um pilar nos comentários políticos, sendo agora frequentemente usado por grandes publicações sem a necessidade de esclarecimento ou definição em suas manchetes” (*Oxford Languages*, 2016, [s.p.], tradução nossa)⁸. Dois artigos do *corpus* mencionam a definição desse dicionário.

O referido verbete opõe *pós-verdade a fatos objetivos*, relacionando o conceito de pós-verdade à emoção e à crença, que “embaçam” a visão dos *fatos objetivos*. Enquanto definição de dicionário – que se presta a definir uma palavra, muitas vezes, de forma breve e objetiva –, não se espera que haja problematização de conceitos. Entretanto, segundo diversas epistemologias do campo comunicacional – sobretudo as de base discursiva –, é problemático falar em *fato objetivo*, ou seja, adotar uma perspectiva reificante da

⁰⁶ *Desordem informacional: um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas*, em tradução livre.

⁰⁷ No original: “relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief”.

⁰⁸ No original: “has gone from being a peripheral term to being a mainstay in political commentary, now often being used by major publications without the need for clarification or definition in their headlines”.

realidade, uma vez que esse gesto implicaria conceber um fato independentemente da linguagem. Ainda que tenha sido eleita a palavra do ano, os artigos que se valem de um verbete de dicionário para explicar um conceito teórico acabam por não dar a ele o devido aprofundamento.

Análise das apropriações dos conceitos de desinformação pelos autores do *corpus*

Nesta seção, analisamos as apropriações feitas pelos autores dos 26 textos de referência objetos de análise na seção anterior. Eles são listados na Tabela 2 a seguir.

Artigo	Autoria
Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia	Thaiane Moreira de Oliveira
A pós-verdade em tempos de covid-19: o negacionismo no discurso do governo no Instagram	Carla Montuori Fernandes, Luiz Ademir de Oliveira, Mariane Motta de Campos e Mayra Regina Coimbra
Fake news, desinformação e necessidade de formar leitores críticos	Eulália Leurquin e Chloé Leurquin
Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das <i>fake news</i> no cenário da covid-19	João Rodrigo Santos Ferreira, Paulo Ricardo Silva Lima e Edivanio Duarte de Souza
Sala de aula invertida no enfrentamento a fake news, desinformação e infodemia em época de covid-19	Letícia Rodrigues dos Santos, Elisângela Ladeira de Moura Andrade, Emmanuela Ferreira de Lima e Juliana Cristina da Costa Fernandes
Modelo de produção de mídias alternativas como saídas democráticas para a desinformação	Lina Moscoso
Desinformação na cultura digital: reflexões a partir da Democracia Cognitiva e do Diálogo de Saberes	Juliana Dias Rovari Cordeiro, Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca, Elliz Celestrini Mangabeira, Juliana Cintia Lima e Silva, Aline Guarany Ignacio Lima
Desinformação e pós-verdade no contexto da pandemia da covid-19: um estudo das práticas informacionais no Facebook	Andrea Heloiza Goulart e Ivette Kafure-Muñoz
Infodemia, desinformação e os enunciados performativos: como os editores podem enfrentar tais problemas	Eli Lopes da Silva e Nadi Helena Presser
Desinformação, desinfodemia e letramento midiático e informacional: um estudo do processo estruturado no Brasil sob o governo Jair Bolsonaro e as formas de enfrentamento	Eliara Santana Ferreira
Educação e desinformação: letramento midiático, ciência e diálogo	Estevon Nagumo, Lúcio França Teles e Lucélia de Almeida Silva
A persistência do misticismo, do senso comum e do mal nas receitas milagrosas contra a covid-19: uma proposta de interpretação	Marcio da Silva Granez
(Des)Informação em câmaras de eco do Twitter: disputas sobre a cloroquina na pandemia da covid-19	Cecília Almeida Rodrigues Lima, Janaina de Holanda Costa Calazans e Ivo Henrique Dantas
(Des)Informação e [Pós]Verdade: possíveis contextos discursivo-conceituais	Vera Dodebei
Desafios da desinformação e das <i>fake news</i> : estudo de caso com estudantes do ensino superior	Nídia Salomé Moraes e Filomena Sobral

Artigo	Autoria
Credibilidade de informações em tempos de covid-19	Juliana Fachin, Nelma Camelo de Araujo e Juliana Carvalho de Sousa
A informação sobre a Covid-19 nos desertos de notícias: a relevância do jornalismo interior do Pará	Elaine Javorski e Janine Bargas
Competência em informação e desinfodemia no contexto da pandemia de covid-19	Mariana Zattar
As mídias digitais como ferramentas de manipulação de processos eleitorais democráticos: uma análise do caso Brexit	Danielle Jacon Ayres Pinto e Isabela Moraes
“Bota fogo nesses vagabundos!”: entextualizações de xenofobia na trajetória textual de uma fake news	Izabel da Silva
Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré	Josenildo Soares Bezerra, Madja Elayne da Silva Penha Magno e Carolina Toscano Maia
Desinformação na pandemia de covid-19: similitudes informacionais entre Trump e Bolsonaro	Priscila Ramos Carvalho, Paulo César Castro Sousa e Marco André Feldman Schneider
Mídia, desinformação e democracia: como os meios de comunicação influenciam as eleições presidenciais no Brasil	Fabíola Mendonça de Vasconcelos
Desafios e estratégias no combate à desinformação na pandemia: análise da cobertura telejornalística do caso Epcar em Barbacena	Cláudia de Albuquerque Thomé, Luciana Moraes e Ana Carolina Campos Oliveira
O fenômeno da desinformação sob a perspectiva dos arquivistas brasileiros: o papel da competência em informação	Renata Lira Furtado e Jenifer Galdino de Oliveira
Infodemia e construção signica: movimentos responsivos sob a retórica da pós-verdade	Maria Angela Paulino Teixeira Lopes e Fernanda Santana Gomes

Tabela 2: Lista dos 26 artigos pertencentes ao *corpus* da metapesquisa

Fonte: Elaborada pelos autores.

Após ler esses 26 artigos, construiu-se outra tabela para orientar os autores deste artigo, que contou com as seguintes colunas: 1) Título do artigo; 2) Autoria; 3) Nível de apropriação (superficial, parcial ou integral); 4) Trechos com exemplos da apropriação; 5) Problemática e criticidade (sim ou não – se sim, em que nível); 6) Trechos com exemplos de problematização e criticidade. Os itens das colunas 3 e 5 são explicados nos parágrafos a seguir.

A apropriação superficial ocorre quando os autores utilizam conceitos e abordagens sobre desinformação de forma breve, sem aprofundamento, contextualização ou articulação com o escopo de sua pesquisa. Já a apropriação parcial envolve um recorte específico dos conceitos da literatura de referência, fundamentais para o estudo dos autores, mas outros termos e definições relevantes são ignorados, limitando a análise do fenômeno investigado. Por fim, a apropriação integral implica uma utilização abrangente dos conceitos da literatura de referência, explorando suas dimensões e características e articulando-os com o escopo da pesquisa dos autores.

No que tange à problematização e à criticidade dos artigos do *corpus* em relação aos conceitos de desinformação e congêneres apropriados na literatura de referência consultada por seus autores, considera-se a preocupação desses pesquisadores em adotar uma postura questionadora frente aos aportes teórico-conceituais acionados nos textos consultados – indo além da apropriação integral dos conceitos –, tendo em vista a criticidade com que apontam e problematizam suas fragilidades e limitações. São também consideradas as contribuições fornecidas pelos autores do *corpus* ao indicarem outras perspectivas rele-

vantes para se avançar na investigação sobre o fenômeno da desinformação na contemporaneidade, tanto em relação a aspectos teórico-conceituais quanto empírico-metodológicos.

Tendo assim procedido, chegou-se aos seguintes números: dos 26 artigos que compuseram o *corpus*, 10 realizaram uma apropriação integral dos conceitos; 10 realizaram uma apropriação parcial; e 6 artigos realizaram uma apropriação superficial dos conceitos dos textos de referência. Além disso, apenas 1 problematizou efetivamente o conceito de desinformação; outros 2 não exatamente problematizaram, mas apontaram o fato de que o conceito de desinformação é mais adequado que o de fake news. Por razões éticas, não serão exibidos aqui os trechos que exemplificam os níveis de apropriação, pois isso implicaria a identificação dos títulos e autorias.

Entretanto, em termos de problematização dos conceitos apropriados da literatura de referência, como apenas 1 artigo do *corpus* contestou o modelo de desinformação que vem sendo adotado, acredita-se ser importante apresentar a crítica feita pelo artigo em questão, visto que se está de pleno acordo com a visão da autora. Nesse sentido, o artigo “Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia”, de autoria de Thaiane Oliveira, é o mais emblemático do *corpus* da pesquisa no que tange aos níveis de apropriação, problematização e criticidade dos conceitos de desinformação e congêneres trabalhados pelos textos e autores de referência, conforme os trechos a seguir.

A matriz de análise proposta pelos autores Wardle e Derakhshan parte de uma ideia funcionalista no qual um produtor emite uma mensagem, a partir de uma estrutura textual própria, que vai ser decodificado pelos sujeitos, como uma ordem natural do processo comunicativo. Portanto, nesta visão, é necessário olhar para o polo da produção e deduzir sobre a intencionalidade de enganar os sujeitos e, b) no máximo, no conteúdo e no formato da mensagem, para identificar a desinformação[1]. [...] Tal agenda de enquadramento sobre a desinformação a partir da intencionalidade do engano pode abrir mão para que perseguições políticas sejam conduzidas, na qual o acusado terá que provar de sua inocência ante uma acusação de intencionalidade previamente conformada.

[1] No trabalho em questão, Wardle e Derakhshan reconhecem que o receptor não é um agente passivo, mas limitam sua agência apenas na retransmissão da mensagem (Oliveira, 2020, p. 4).

Na reflexão seguinte, a autora sintetiza as principais lacunas conceituais sobre a desinformação e termos congêneres, mas revela, ao mesmo tempo, uma lacuna no próprio artigo por não ter desenvolvido, ainda que preliminarmente, a abordagem por ela proposta sob a ótica da circulação.

Quadros conceituais sobre a desinformação, ou desordem informacional, que persistem em enquadrar a partir da intencionalidade ou legitimar as instituições epistêmicas como fonte de confiança pouco contribuem para desenvolver análises mais densas sobre estas disputas de informação nos ambientes digitais para traçar estratégias e políticas de ação para melhor lidar com este problema que vem pautando discussões frente à pandemia. Se não é a intencionalidade ou a fonte que devem pautar a discussão sobre a desinformação, como conceituar esse fenômeno? Entendendo o processo comunicacional, um outro caminho possível de se enquadrar o fluxo comunicativo é um olhar sobre a circulação. Para tanto, é importante entender quais têm sido as abordagens apontadas nas pesquisas científicas para enfrentamento à desinformação e as consequências sobre a recepção destas ações (Oliveira, 2020, p. 8, grifos nossos).

Em síntese, nos 26 artigos do *corpus* há um baixíssimo grau de problematização dos conceitos: exatamente 3,8%. Esse número cresce um pouco (8,6%) se considerarmos 2 artigos que problematizam fracamente o conceito de *fake news* por considerá-lo inadequado, propondo o uso de desinformação em seu lugar. Isso indica que os artigos do *corpus* trouxeram os conceitos para seus textos de forma pouco crítica. Muitos localizaram-nos de forma pontual – quase como um requisito obrigatório – para seguir tratando das especificidades de suas pesquisas.

Os textos de referência são compostos por 4 artigos científicos, 4 manuais, 1 relatório e 1 verbete de dicionário. Isso demonstra que, no *corpus* investigado, houve pouca preocupação em considerar fontes científicas, ou seja, artigos acadêmicos que partam da premissa de haver uma avaliação cega por pares, assim como livros que também são avaliados por conselhos editoriais constituídos por autores de renome na literatura especializada nas áreas Social e Comunicacional. Quando somados, os manuais, o relatório, além do verbete de dicionário (que não se classificam como textos científicos) significam 60% dos textos de referência em comparação aos artigos científicos/textos apresentados em anais de congressos (40%). Finalmente, cabe destacar que a maciça maioria dos autores e autoras dos textos de referência são do chamado Norte Global: 8 textos de referência deste grupo contra 2 textos de referência de autores/as brasileiros/as representando o Sul Global.

Considerações finais

Em linhas gerais, a metapesquisa nos possibilitou compreender as especificidades dos conceitos de desinformação e congêneres operados pelos autores do *corpus* de 26 artigos indexados pelo Portal de Periódicos da CAPES entre 2020 e 2022 – e, sobretudo, identificar o aporte teórico central que fundamenta tais conceitos, bem como suas fragilidades e lacunas conceituais para analisar e interpretar o fenômeno da desinformação na sociedade contemporânea.

Como ressaltado na introdução deste artigo, a seleção de 26 textos não integra a totalidade da produção sobre desinformação e *fake news* no período indicado no Brasil. Isso porque a pesquisa no referido portal de periódicos – feita de modo geral em seu sistema de buscas – não revela sistematicidade na revisão da literatura. Portanto, trata-se de uma opção de recorte que não é sistemática. Cabe ainda ressaltar que a maioria desses artigos não se propuseram a realizar uma discussão aprofundada sobre os conceitos de desinformação e termos vizinhos, e sim acioná-los para compreender e analisar os fenômenos empíricos selecionados. Embora tal propósito tenha sido alcançado, não podemos deixar de chamar a atenção para a necessidade de se avançar conceitual e teoricamente nos termos utilizados para a construção de uma analítica do fenômeno investigado.

A despeito da preocupação dos autores do *corpus* em acionar os conceitos de desinformação de forma inter-relacionada a termos vizinhos a ele (*desinformação – fake news*; *desinformação – fake news – desordem informacional*; *desinformação-infodemia*; entre outros), esta investigação revelou que parte expressiva dos artigos reservou um pequeno espaço, seja para apresentar e discutir os aportes teórico-conceituais consultados em sua bibliografia de referência, seja para promover uma articulação desses aportes com os objetos empíricos analisados.

Na perspectiva da metapesquisa, buscamos apreender e discutir o valor heurístico desses aportes para a compreensão do fenômeno da desinformação na contemporaneidade, seja nos 26 artigos do *corpus*, seja nos 10 textos de referência mais recorrentes, observando como os conceitos e abordagens presentes na literatura consultada são apropriados. Para tanto, como já mencionado, foi necessário identificar tanto os gêneros dos textos consultados (artigos científicos, manuais etc.) e os conceitos apreendidos quanto os níveis de apropriação (superficial, parcial ou integral) e de problematização e criticidade dos autores do *corpus* em relação a eles.

Um dos achados importantes da metapesquisa diz respeito ao número pouco expressivo de artigos científicos consultados pelos autores do *corpus*. Assim, dentre os 10 textos de referência mais acionados pelos autores dos artigos, apenas 4 pertencem a esse gênero textual, sendo o restante composto por 4 manuais e 1 relatório – que representam materiais produzidos por organismos internacionais e destinados à capacitação de agentes sociais para o combate à desinformação –, além de 1 verbete de dicionário.

Por fim, cabem problematizações e proposições em relação ao conceito de desinformação no sentido de pensá-lo não de forma linear e transmissiva, mas a partir de referenciais mais potentes para compreender o avanço acelerado da desinformação no ecossistema comunicacional contemporâneo, mais detidamente o ecossistema da desinformação, que tem afetado diversas esferas da vida social. Cabem, sobretudo, perspectivas transversais na medida em que a complexidade do fenômeno da desinformação demanda abordagens teórico-conceituais diversas, plurais e que sejam articuladas com a dinâmica realidade da empiria.

Referências

- ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social Media and *Fake News* in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, on-line, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.
- BERGER, G. Prefácio. In: IRETON, C.; POSETTI, J. **Jornalismo, fake news & desinformação: manual** para educação e treinamento em jornalismo. [S. l.]: UNESCO, 2019. p. 7-14.
- BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de *fake news*: distinções, diagnóstico e reação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais...** Londrina: ENANCIB, 2018.
- BRITO, V. P.; PINHEIRO, M. M. K. Poder informacional e desinformação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ANCIB; UFPB, 2015.
- CARVALHO, P. R.; SOUSA, P. C. C.; SCHNEIDER, M. A. F. Desinformação na pandemia de covid-19: similitudes informacionais entre Trump e Bolsonaro. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 15-41, 2021.
- COMISSÃO EUROPEIA. **Combater a desinformação em linha**: uma estratégia europeia. Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comitê Econômico e Social Europeu e ao Comitê das Regiões. Bruxelas: Comissão Europeia, 26 abr. 2018.
- CORDEIRO, J. D. R.; FONSECA, A. B. C.; MANGABEIRA, E. C.; SILVA, J. C. L.; LIMA, A. G. I. Desinformação na cultura digital: reflexões a partir da Democracia Cognitiva e do Diálogo de Saberes. **Revista Observatório**, Palmas, v. 6, n. 6, p. 1-22, 2020.
- DODEBEI, V. (Des)Informação e [Pós]Verdade: possíveis contextos discursivo-conceituais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 117-137, 2021.
- FACHIN, J.; ARAUJO, N. C.; SOUSA, J. C. Credibilidade de informações em tempos de covid-19. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Colômbia [on-line], v. 43, n. 3, p. eRF3/1-11, set.-dez. 2020.
- FALLIS, D. What is Disinformation?. **Library Trends**, on-line, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015.
- FERNANDES, C. M.; OLIVEIRA, L. A.; CAMPOS, M. M.; COIMBRA, M. R. A pós-verdade em tempos de covid-19: o negacionismo no discurso de Jair Bolsonaro no Instagram. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. e5317, 2020.
- FERREIRA, E. S. Desinformação, desinfodemia e letramento midiático e informacional: um estudo do processo estruturado no Brasil sob o governo Jair Bolsonaro e as formas de enfrentamento. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 25, n. 54, p. 96-128, 30 nov. 2021.
- FERREIRA, J. R. S.; LIMA, P. R. S.; SOUZA, E. D. Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das *fake news* no cenário da covid-19. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 30-53, 2020.

FRANÇA, V. R. V. **Paradigmas da comunicação**: conhecer o quê?. Ciberlegenda, Niterói, v. 5, p. 1-19, 2001.

FURTADO, R. L.; OLIVEIRA, J. G. O fenômeno da desinformação sob a perspectiva dos arquivistas brasileiros: o papel da competência em informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 107-131, 29 dez. 2020.

GOULART, A. H.; KAFURE-MUÑOZ, I. Desinformação e pós-verdade no contexto da pandemia da covid-19: um estudo das práticas informacionais no Facebook. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. e5397, 2020.

GRANEZ, M. A persistência do misticismo, do senso comum e do mal nas receitas milagrosas contra a covid-19: uma proposta de interpretação. **Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 15, p. 144-168, 2021.

HALL, S. Codificação Decodificação. In: SOVIK, L. (Org.) **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 387-404.

IRETON, C.; POSETTI, J. **Jornalismo, fake news & desinformação: manual** para educação e treinamento em jornalismo. [S. l.]: UNESCO, 2019.

JAVORSKI, E.; BARGAS, J. A informação sobre a covid-19 nos desertos de notícias: a relevância do jornalismo interior do Pará. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. e5339, 2020.

LEURQUIN, E. V. L. F.; LEURQUIN, C. Fake news, desinformação e necessidade de formar leitores críticos. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 25, n. 54, p. 265-295, 30 nov. 2021.

LIMA, C. A. R.; CALAZANS, J. H. C.; DANTAS, I. H. (DES)Informação em câmaras de eco do Twitter: disputas sobre a cloroquina na pandemia da covid-19. **Revista Observatório**, Palmas, v. 6, n. 6, p. a5pt, 2020.

LOPES, M. A. P. T.; GOMES, F. S. Infodemia e construção sógnica: movimentos responsivos sob a retórica da pós-verdade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 25, n. 54, p. 158-189, 30 nov. 2021.

MATTOS, M. A. Apresentação. In: MATTOS, M. A.; BARROS, E. J. M.; OLIVEIRA, M. E. (Orgs). **Metapesquisa em comunicação**: o interacional e seu capital teórico nos textos da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 15-25.

MENDES, C. M.; MATTOS, M. A.; SANTOS, A. O. Metapesquisa dos conceitos de desinformação e termos congêneres em artigos indexados pelo Portal de Periódicos da CAPES entre 2020-2022 no contexto pandêmico: abordagem quantitativa. **Revista Eco-Pós**, on-line, v. 26, p. 237-267, 2023.

MORAIS, N. S.; SOBRAL, F. Desafios da desinformação e das *fake news*: estudo de caso com estudantes do ensino superior. **Millenium**, Viseu, v. 2, n. 5, p. 85-93, 2020.

MOSCOSO, L. Modelo de produção de mídias alternativas como soluções democráticas para a desinformação. **Revista Observatório**, Palmas, v. 6, n. 6, p. 1-24, 2020.

NAGUMO, E.; TELES, L. F.; SILVA, L. A. Educação e desinformação: letramento midiático, ciência e diálogo. **ETD – Educação Temática Digital**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 220-237, 2022.

OLIVEIRA, T. M. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 53-74, 2020.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19**. [S. l.]: OPAS, 2020.

OXFORD LANGUAGES. **Palavra do ano 2016**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

PINTO, D. J. A.; MORAES, I. As mídias digitais como ferramentas de manipulação de processos eleitorais democráticos: uma análise do caso Brexit. **Revista de Estudos Sociais**, on-line, n. 74, p. 71-82, 2020.

POSETTI, J.; BONTCHEVA, K.; **Desinfodemia**: decifrando la desinformación sobre el covid-19. [S. l.]: Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), 2020.

SANTOS, L. R.; ANDRADE, E. L. M.; LIMA, E. F.; FERNANDES, J. C. C. Sala de aula invertida no enfrentamento a fake news, desinformação e infodemia em época de covid-19. **Revista da Associação Catarinense de Biblioteconomia**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 1-20, set. 2021.

SILVA, E. L.; PRESSER, N. H. Infodemia, desinformação e os enunciados performativos: como os editores podem enfrentar tais problemas. **Navus: Revista de Gestão e Tecnologia**, Florianópolis, v. 11, p. 1-7, jan.-dez. 2021.

SILVA, I. “Bota fogo nesses vagabundos!”: entextualizações de xenofobia na trajetória textual de uma fake news. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 59.3, p. 2123-2161, set.-dez. 2020.

SOARES BEZERRA, J.; MAGNO, M. E. S. P.; MAIA, C. T. Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré. **Revista Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 15, n. 3, p. 6-23, 2021.

THOMÉ, C.; MORAIS, L. S.; CAMPOS, A. C. Desafios e estratégias no combate à desinformação na pandemia: análise da cobertura telejornalística do caso Epcar em Barbacena. **Revista Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 15, n. 3, p. 194-217, 30 set. 2021.

VASCONCELOS, F. M. Mídia, desinformação e democracia: como os meios de comunicação influenciam as eleições presidenciais no Brasil. **Revista Observatório**, Palmas, v. 6, n. 6, p. a1pt, 2020.

WARDLE, C.; DERA KHSHAN, H. Information Disorder: toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making. **Estrasburgo**: Council of Europe, 2017.

_____.; DERA KHSHAN, H. Reflexão sobre a “desordem da informação”: formatos da informação incorreta, desinformação e má informação. In: IRETON, C.; POSETTI, J. (Eds.). **Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. Paris: UNESCO, 2019. p. 46-58.

ZATTAR, M. Competência em informação e desinfodemia no contexto da pandemia de covid-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. e5391, 2020.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:

O artigo é resultado das pesquisas “Os sentidos da desinformação: uma metapesquisa” (FIP 2023 / 28996), “A desinformação em perspectiva semiótico-interacional” (FIP 2024 / 30881), “A desinformação em perspectiva semiótico-interacional: teoria e análise” (FIP 2025 / 32432) e “Por uma abordagem comunicacional da desinformação: desafios teóricos e metodológicos” (FAPEMIG, Processo: APQ-02853-24).

Fontes de financiamento

Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP 2023 / 28996; FIP 2024 / 30881; FIP 2025 / 32432) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) (Processo: APQ-02853-24).

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Agradecemos ao Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP 2023 / 28996; FIP 2024 / 30881; FIP 2025 / 32432) e FAPEMIG (Processo: APQ-02853-24) pelo apoio financeiro destinado à realização desta pesquisa. Agradecemos, ainda, ao bolsista de Iniciação Científica Adriano Oliveira dos Santos, do projeto FIP 2023 / 28996, pela coleta dos dados e pelo auxílio na análise e interpretação dos dados.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa

Conrado Moreira Mendes e Maria Ângela Mattos

Coleta de dados

Conrado Moreira Mendes e Maria Ângela Mattos

Análise e/ou interpretação dos dados

Conrado Moreira Mendes e Maria Ângela Mattos

Escrita e redação do artigo

Conrado Moreira Mendes e Maria Ângela Mattos

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Conrado Moreira Mendes e Maria Ângela Mattos

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós

Conrado Moreira Mendes e Maria Ângela Mattos

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Sim.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa:

Fundo de Incentivo à Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Sim.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Conrado Moreira Mendes é docente da PUC Minas.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não se aplica.

Que interferências foram detectadas?

Não se aplica.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não se aplica.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Não se aplica.